



INTERNACIONALIZAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO: PRIMEIROS MOVIMENTOS

ADRIANA REGINA VETTORAZZI SCHMITT

Universidade Federal de Santa Catarina

adrianarschmitt@gmail.com

HELDER BOSKA DE MORAES SARMENTO

Universidade Federal de Santa Catarina

hboska@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho aborda os primeiros movimentos do processo de internacionalização do Serviço Social brasileiro por meio da compreensão de sua historicidade e gênese, caracterizados pelos fluxos migratórios de estudantes, profissionais e pesquisadores pelo mundo. Por esse trânsito além-fronteiras novas determinações impulsionadas pelo fenômeno da globalização direcionaram, moldaram e edificaram a profissão ao final do século XX. Tendo este contexto como pano de fundo, e tratando-se de uma pesquisa bibliográfica e documental com análise de dados pelo método ATD, o objetivo que orientou os pesquisadores foi conhecer o primeiro período e a respectivas aproximações do Serviço Social brasileiro com o Serviço Social europeu e estadunidense. A descrição do contexto e das especificidades das primeiras Assistentes Sociais brasileiras, profissionais e acadêmicas, em mobilidade internacional, apresentou peculiaridades que demarcaram e diferenciaram esse Serviço Social no mundo.

Palavras chave: Serviço Social, internacionalização, história do Serviço Social, mobilidade, formação profissional.

1. INTRODUÇÃO

A história do Serviço Social brasileiro remonta ao movimento internacional de mudanças estruturais no modo de produção capitalista e a resposta às suas contradições, gerando diferentes movimentos em torno das políticas sociais e econômicas de Estado, a formação de quadros com novas qualificações técnico-científicas e as lutas dos trabalhadores por melhoria das suas condições de vida e trabalho.

Estas condições societárias são geradoras de uma grande movimentação sócio-cultura e política acerca de novas informações e conhecimentos que precisam ser compartilhados e um dos principais caminhos foi o de intercâmbio técnico, científico e cultural, por meio da mobilidade acadêmica e profissional entre os continentes.

A mobilidade foi por muito tempo a principal forma de internacionalização da educação e de ligação internacional para a capacitação e formação acadêmica e profissional. Não só a academia, mas, principalmente ela, contribuíram e alicerçaram redes que se fortaleceram pela mescla de ideias, posições e interações multiculturais propiciadas pela internacionalização. Essas interações multiculturais possibilitaram intervenções que reconfiguraram a formação de novas redes colaborativas internacionais, e conseqüentemente, promoveram a renovações no interior do Serviço social brasileiro, pelas consonâncias e dissonâncias das influências recebidas, mobilizados por uma clara intencionalidade política da conjuntura internacional.

Por essa premissa, a internacionalização da educação em serviço social, teve início pela mobilidade transfronteiriça de estudantes, professores, pesquisadores, motivados pela criação de programas de distintas áreas e por conseguinte pela consolidação de programas de doutoramento, visando o atendimento das demandas emergentes dos anos 60 e 70 “as exigências e os interesses políticos de expansão do ensino pós-graduado para fazer frente às demandas do país à época do desenvolvimentismo”¹ (GARCIA; NOGUEIRA, 2017, p. 147).

A mobilidade é um braço que demarca a temporalidade e a geografia da internacionalização da educação pelo mundo. Inicialmente essa era a forma de promover a troca de saber, conhecimentos, culturas e experiências de povos de lugares diferentes, impulsionando o surgimento dos mais diversos cursos, disciplinas e áreas de conhecimento, além de propiciar o surgimento de redes colaborativas na ciência e, conseqüentemente, de universidades pelo mundo.

¹ Indicamos a obra de CASTRO, Manuel Manrique Pan-americanismo “monroísta”, desenvolvimentismo e Serviço Social. In: História do Serviço Social na América Latina.

Dessa forma, inicialmente, a internacionalização do Serviço Social emerge das relações acadêmicas transfronteiriças entre a Europa, a América do Norte e a América Latina, sucessivamente.

Sua gênese, que demarcou o primeiro período de internacionalização, fundamenta-se nos conhecimentos de influência franco-belga, que chegou ao país com a professora Mademoiselle Adèle de Loneaux por da École Catholique de Service Social de Bruxelas, ainda na década de 30, que segundo Aguiar (1995) ficou conhecido como o serviço social neotomista pautado no conservadorismo católico.

Na medida em que o Brasil experimenta a urbanização e a modernização, que permearam os anos de 40 a 60, também o Serviço Social incorporou matrizes filosóficas do serviço social tradicional. De acordo com o contexto emergente do país, o Serviço social adotou o cunho positivista, pautado em critérios técnicos e científicos oriundos da aproximação com o Serviço Social estadunidense. Nesse período, com cursos e escolas emergindo e se interiorizando, as relações acadêmicas entre Brasil, Estados Unidos se intensificaram consolidando um novo período conhecido como Serviço Social Tradicional” (SST), nos termos de Netto (2009, p. 117-118), de base positivista e influenciado pelo Serviço Social norte-americano.

As aproximações dos assistentes sociais brasileiros com o Serviço Social norte americano duraram pouco.

A convivência profissional do serviço social americano “alicerçadas no assistencialismo e na incapacidade de reverter a situação de opressão e dominação a que as classes populares se viam submetidas” (LEMOS, et all. p. 2) não atendiam aos ideais e anseios dos assistentes sociais brasileiros, o que favoreceu o chamado de Movimento de Reconceituação do Serviço Social no Brasil (1965-1979). As influências desse novo contexto de relações, bebiam das teorias Marxistas e revolucionárias “de crescente nacionalismo antinorte-americano que se disseminou pelo continente latino-americano, na esteira do triunfo da Revolução Cubana (1959)” gestadas nos países latino americanos com ideários de uma possível revolução socialista ardentemente anticapitalista, contribuiu para a criação da ALAETS (Associação Latinoamericana de Escolas de Serviço Social)² em 1974. Segundo Lemos *et all.* (2018, p. 4) a ALAETS foi fundamental

²Segundo Lemos *et all.* (2018, p. 4) a ALAETS surgiu com base em um convênio de cooperação técnico-financeiro com a Fundação Konrad Adenauer, intermediado pelo Instituto de Solidariedad Internacional (ISI) da Democracia Cristã Alemã, tem seus estatutos aprovados em 1975, em El Salvador. Estabelece sua sede em Lima e em 1976 é reconhecido pelo governo peruano como organismo de cooperação técnica internacional. Durante a década de 1990, a ALAETS passara por uma terrível crise institucional-financeira, da qual resultou a extinção do CELATS (SILVA: 2010). Este vazio na organização regional da categoria profissional deixado pela ALAETS foi determinante para que ocorresse de fins. Segundo Silva (2015, p. 192) A Associação foi refundada nos anos 2000

para a criação do Centro Latinoamericano de Trabajo Social – CELATS que desde 1976 configura-se como um polo de integração que “Reclama-se a necessidade de superar os isolamentos culturais, afirmando-se na importância da diversificação do estabelecimento de vínculos no âmbito do Serviço Social internacional. E no fomento do diálogo com as Ciências Sociais dos países

países africanos, especialmente os de expressão portuguesa, que dispõem de uma herança cultural e linguística que favorece o intercâmbio de experiências (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo Verde); e estimular o diálogo produtivo com a Península Ibérica e também com os países capitalistas desenvolvidos (Europeus, USA e Canadá) (LEMOS, *et all.* p. 12).

Recuperar os vínculos do Serviço Social latino americano requer olhar as movimentações e mediações que protagonizaram mudanças e rupturas ao longo do percurso de formação da profissão no Brasil. Neste contexto, “o CELATS foi protagonista quando lançou publicamente as primeiras orientações que estimulavam o intercâmbio internacional entre os assistentes sociais dos países da América Latina nas décadas de 1970 e 1980, contribuindo para a disseminação do pensamento crítico mediante a publicação do período *Acción Crítica* e de livros, a realização de pesquisas, e a promoção de cursos e congressos” (SILVA, 2015, p. 188), impulsionando a pesquisa e a produção teórica da profissão no continente latino-americano, nos marcos do Movimento de Reconceituação.

Dadas as aproximações entre o Serviço Social brasileiro e as correntes revolucionárias da América Latina, os brasileiros buscam a sua organicidade, na “organização autônoma da luta por direitos, à construção de mediações políticas para a formação de um consenso contra-hegemônico, à difusão da filosofia da práxis como concepção de mundo revolucionária” (SILVA, 2015, p. 190). Calçados no arcabouço teórico acumulado pela vertente de ruptura e na esteira de novos fundamentos de legitimação do exercício profissional, orientado por um projeto profissional de renovação.

Silva (2015) afirma que no período dos anos 80, a profissão se volta à disputa hegemônica nacional, e através da ALAETS e do CELATS os intercâmbios com os países da América Latina ainda foram mantidos. Já com os Estados Unidos e a Europa, há um distanciamento das relações internacionais. Nesse movimento é importante destacar brevemente a participação Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais, (CBCISS)

como Associação Latino Americana de Ensino e Investigação em Trabalho Social (ALAEITS), recuperando sua força como organismo de articulação política e intercâmbio acadêmico no continente. Desde então, a ALAEITS ocupa um destacado papel na interlocução das Escolas de Serviço Social da América Latina com a FITS e a AIETS ao longo do processo de revisão da Definição Internacional de Serviço Social.

marcado pela ausência de aparelhos privados de hegemonia internacionais deixada pelo CBCISS e pela ruptura ideológica com o conservadorismo – assim identificado com as matrizes estrangeiras. O avanço da vertente de ruptura sobre os organismos políticos e acadêmicos nacionais da profissão (seus aparelhos privados de hegemonia) correspondeu à fragmentação das vertentes conservadoras, restando periféricos e episódicos seus canais de interlocução com as fontes estrangeiras anteriormente estabelecidos (SILVA, 2015, p. 191).

É importante destacar que o CBCISS contribuiu para o Movimento de Reconceituação do Serviço Social latino-americano. Foi uma “expressão da modernização e do conservadorismo no Brasil” ou “modernização conservadora” conforme denominada por Netto (1994), porque promoveu uma série de importantes ‘seminários de teorização’ com vários desdobramentos no interior da categoria. O movimento continuou ativo até os anos 90, com menor peso político, mas, atuante até hoje. Nesse período percebeu-se que não havia uma direção política e acadêmica clara e definida por parte da ABESS/ABEPSS, como se tem hoje. Mas essas entidades nunca se fecharam para a organização de eventos internacionais, inclusive promoveram várias publicações internacionais e registros de encontros e trabalhos com redes nacionais e internacionais para promoção da pesquisa acadêmica. O que ocorreu foi o aumento de questionamentos pela sua posição política feita pelas entidades da categoria, mesmo assim, o CBCISS não deixou de fazer seu trabalho de formação³.

Também nas décadas de 80 e 90 o Serviço social brasileiro migrou para países europeus, especialmente para Portugal e contribuiu para a formação acadêmica e profissional desse país, a exemplo do Professor José Paulo Netto que em março de 2022 recebeu o título Doutor Honoris Causa em Serviço Social da Universidade Lusíada de Lisboa (Portugal).

Assim, este trabalho está dividido em três partes. Inicialmente a fundamentação teórica que aborda brevemente os conceitos de internacionalização. Em seguida, o desenho da internacionalização que é intrínseco aos movimentos do Serviço Social brasileiro. E ao final, os procedimentos metodológicos, as discussões e as conclusões.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A internacionalização da educação faz parte do cenário global há muito tempo. Basta “revisitar o conceito universal de conhecimento e a origem das universidades para se compreender que o intercâmbio entre professores e estudantes de diferentes países, buscando conhecimentos e experiências, era muito comum” (STALIVIERI, 2017, p. 17). Na idade média

³ Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 136, p. 559-577, set./dez. 2019

o trânsito de estudantes se dava pela visitação de várias universidades para no retorno obter um diploma. Segundo Charle e Verger (1996) este fluxo migratório de estudantes, com características cosmopolitas como peregrinos ficou conhecido por mobilidade estudantil, se deu por muito tempo da Europa Central para as Universidades Italiana (Pádua, Bolonha e Siena), e em menor medida para as Francesas (Paris, Montpellier e Orleans). Num terceiro momento estes fluxos incluíram a América do Norte, especialmente os Estados Unidos e o trânsito com as universidades de renomes na Inglaterra (Cambridge surgida de Oxford em 1209, Pádua derivada de Bolonha em 1222). Para Charle e Verger (1996) se no início da história das universidades essa mobilidade se deu pela busca de novo conhecimentos e novas descobertas em diferentes partes do continente com o tempo passou-se a valorizar a “viagem em si, a experiência existencial e a possibilidade de rever seu valor educacional”. Essas características ainda fazem parte dos objetivos que movem os fluxos migratórios de estudantes e pesquisadores pelo mundo. Contudo, a internacionalização se complexificou, tornou-se um tema relevante de estudo e pesquisa para apreensão dos fenômenos e objetivos que mobilizam instituições e universidades para integrarem-se à rede mundial de educação e formação.

Pode-se afirmar que a internacionalização ganhou expertises e acompanhou, para não dizer moldou-se, os movimentos da globalização, com vistas ao atendimento das demandas da sociedade global, principalmente por três motivos elencados por De Wit (1998) e Stallivieri (2017):

- a. Fatores políticos, como soluções, desenvolvimento e crescimento regional onde está à instituição, ademais o entendimento mútuo entre os povos;
- b. Fatores econômicos, de modo a competir em igualdade de condições com as mais renomadas instituições de ensino superior no mundo e as IES se tornam atraentes para os investimentos estrangeiros e alianças estratégicas;
- c. Fatores acadêmicos, representado pela expansão da participação nos fóruns globais e incluindo discussões de problemas de ordem internacional;
- d. Fatores socioculturais, engrandecimento dos hábitos, crenças, valores, linguagem.

Se os novos tempos estão guiando mudanças urgentes no interior das universidades em todo o mundo, as brasileiras precisam ampliar e qualificar suas estratégias de governança para equalizar seus panoramas de internacionalização entre a recepção de professores e estudantes externos e o envio de seus docentes, pesquisadores e estudantes para as universidades estrangeiras.

Um estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)⁴ sobre ‘A internacionalização na universidade brasileira’ realizado em outubro de 2017 com projeção para 2020, mostrou que a internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) ainda é embrionária com baixo aproveitamento de cotas de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). O que reflete que o Brasil ainda enfrenta vários desafios para incorporar avanços na ciência e na educação para a projeção de estudantes e pesquisadores pela cooperação internacional.

A internacionalização da educação, que se desdobra na qualificação profissional e consequentemente em mudanças nas culturas e nas transformações das sociedades, requer uma observação atenta ao que se compreende pelo termo internacionalização e aos propósitos do intento nestes tempos.

A internacionalização da educação é “o processo de integração de uma dimensão internacional, intercultural ou global na finalidade, nas funções ou na oferta de instituições e sistemas de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2004, p. 11). A mesma autora descreve que as atividades dos atores desse processo incluem, por exemplo, a mobilidade de estudantes, pesquisas, trocas de informações, treinamentos colaborativos, currículos compartilhados, bolsas de estudo que se concretizam na garantia de diversidade e de qualidade multiculturais aos atores envolvidos. Sobre mobilidade acadêmica observa Knight (2020, p. 35) que ela mudou muito desde o início do século XX e o “mundo tumultuado de hoje, e aumentou constantemente durante a última década e [] diz respeito ao movimento de pessoas, programas, provedores, políticas, conhecimentos, ideias, projetos e serviços que cruzam fronteiras nacionais”.

Dando ênfase ao aprimoramento dos processos que fazem parte da internacionalização e pela possibilidade de mudanças na sociedade, Sebastián (2004) afirma que

A globalização da produção, comércio e comunicações criou um mundo altamente interconectado e competitivo. Esse fenômeno gera grandes oportunidades e, ao mesmo tempo, desigualdades econômicas, sociais e culturais. Dentro desse cenário, a educação superior pode gerar mudanças substantivas que contribuam para elevar a qualidade de vida geral em todo o mundo, seja na esfera social, econômica ou política (SEBASTIÁN, 2015, p. 3).

Sebastián (2004, p. 34) conceitua a internacionalização como “ um processo social manifestado nas universidades, afetando suas atitudes, valores e percepções, dando lugar a uma visão de mundo e compreensão da realidade mais ampla”. O complexo tema da internacionalização inclui as mudanças que a delinearão ao longo das décadas, a sua evolução

⁴ Ver CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **A internacionalização na universidade brasileira**: resultados do questionário aplicado pela CAPES. Brasília, 31 out. 2017. <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/A-internacionalizacao-nas-IES-brasileiras.pdf>.

é permeada por fenômenos de evolução da humanidade nos aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais que alteraram suas formas identificadas como a peregrinação de estudantes, a mobilidade estudantil, a educação internacional e pôr fim a internacionalização da educação “como respostas às condições impostas por essa sociedade globalizada” (STALIVIERI, 2017. p. 16).

Analisando os movimentos e as mudanças que permearam o cenário de formação do serviço social brasileiro, reconhece-se a presença dos fluxos e influxos políticos, econômicos e sociais mundiais que alteraram os cenários ao final do século XX e início do século XXI a nível mundial. Contudo, considerando essas influências como pano de fundo, neste estudo objetivava-se olhar para as redes e relações e pela mobilidade internacional nas quatro fases caracterizadas segundo Yasbek (1980, p. 16) como: 1ª fase - de influência europeia, idealista e confessional entre 1030 e 1945; 2ª fase – de influência norte-americana com ênfase na questão metodológica de 1945 a 1958; 3ª fase - ainda sob a influência norte-americana, agora com a perspectiva da contribuição do Serviço Social para o processo social do desenvolvimento entre 1958 a 1965; e pôr fim a 4ª fase - caracterizada pelo movimento de conceituação que tem como referencial um modelo teórico-prático adequado à realidade da América Latina, que perdura até hoje.

2.1 SERVIÇO SOCIAL

As relações transfronteiriças de estudantes, professores e pesquisadores fazem parte da trama que caracteriza o Serviço social brasileiros. Assim como, deixaram as marcas do tempo e das fronteiras nas transformações da profissão desde os marcos das primeiras décadas do século XX (anos 20 e 30).

Segundo Yasbek (1980, p. 11) “o histórico constitui determinação essencial do fenômeno humano”. Assim, para o Serviço Social não é diferente, sendo ele formado por corpos e mentes que partiram da consciência à significação objetiva de tensões e abstrações, que ao longo das décadas, reverberaram em posições marcantes reconhecidas da nossa brasilidade, no Serviço Social mundial.

Yasbek (1980, p. 14) afirma que “a literatura existente sobre a história do Serviço Social Brasileiro não é muito extensa”, mas, são nessas fontes que se busca compreender as relações transfronteiriças do serviço social. Mesmo que nem sempre elas apareçam no centro das discussões temáticas e polarizadas mais recentes. Já que dos momentos históricos, inicialmente no contexto da Revolução Francesa, com a Revolução Industrial e a expansão capitalista, as crises econômicas e os seus impactos na vida política e social, é que emergem e são relevantes às lutas e preocupações do Serviço Social acadêmico e profissional.

2.1.1. Como se deu a influência do Serviço Social europeu no Brasil

Conforme relata Odila Cintra Ferreira⁵ em entrevista à Maria Tereza Roy em 1977, a Des Oiseaux foi um tradicional colégio feminino de São Paulo, inaugurado em 1907, conduzido pelas Cônegas de Santo Agostinho. Em 1932 as freiras estavam impressionadas com o desinteresse das alunas em fazer qualquer trabalho fora da vida social. Segundo os relatos da entrevistada, as moças quando saíam do colégio ficavam apenas tomando chá, fazendo visitas e não estudavam. Então elas [as freiras] reuniram as alunas em uma associação antiga de alunas para costurar para os pobres e mandavam suas costuras para o São Teodoro, que ficava na Vila Maria. O Des Oiseaux, tinha assim a sua associação e tiveram a ideia de mandar vir da Bélgica, da Escola de serviço social de Bruxelas, uma professora para dar um curso intensivo às alunas, na perspectiva de orientá-las para um maior engajamento na nossa realidade. Tratava-se, pois, de Adèle de Loneaux (Mlle), professora da École Catholique de Service Social de Bruxelas, uma professora simpática, nos dizeres de Odila. O curso durou 3 meses e formou cinquenta moças.

Discorre Yasbek (1980) que em 1932, após o curso intensivo para formação social de moças católicas, alunas que cuidaram de formar uma associação a fim de constituir um núcleo e prosseguir com os estudos já iniciados com Mlle, foi este núcleo, inicialmente sob a orientação do Vigário Geral da Arquidiocese de São Paulo, Monsenhor Gastão Liebral Pinto, que resultou na criação do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS)”, estes foram os primeiros passos para a “Fundação de uma Escola de Serviço Social brasileira⁶ (YASBECK, 1980, p. 32).

O CEAS, constituído em setembro de 1932 com 21 sócias quando se constituiu e 28 ao final do primeiro ano, sem nenhum apoio financeiro e sem a possibilidade de alugar uma sede. Neste último caso “a solução se deu com um contrato com pela Liga das Senhoras Católicas, pelo qual assumia a responsabilidade de reorganizar e manter os serviços da biblioteca da Liga em troca do uso da sala da biblioteca como sede do Centro”. O CEAS tinha como finalidade básica na sua criação “o estudo e a difusão da doutrina social da igreja e a ação social dentro da mesma diretriz” (YASBEK, 1980, p. 29), contrastando com um momento histórico de grande agitação e transformação políticas do país.

⁵ Odila Cintra Ferreira criou em 15 de fevereiro de 1936 a primeira escola de Serviço Social no Brasil, faleceu em 16 de março de 1980. Fonte: Maria Carmelita Yazbek.

⁶ No primeiro ano de funcionamento da Escola na PUC em 1936 foi a seguinte: Diretora: Odila Cintra Ferreira e Monitora: Heloisa Prestes Manzoni. Para manutenção a escola recebia apoio das sócias e cobrava uma pequena mensalidade das alunas. No primeiro ano recebeu apoio do Departamento de Assistência Social do estado. (YASBEK, 1980).

Vale observar que com isso, estabeleceu-se uma íntima dependência que cujo fluxo não abre espaços para idealizações e transformações revolucionárias na embrionária profissão, essas que atravessavam o período no Brasil e no mundo, “em plena revolução paulista, quando mais se evidenciava em nosso país o choque das doutrinas sociais e dos pontos de vista revolucionários sobre os nossos problemas (YASBECK, 1980, p. 29).

A diretoria⁷ eleita na primeira assembleia geral em 16 de setembro, logo reconheceu que as seis semanas de aula dadas por Mlle seriam insuficientes para os requisitos de conhecimentos necessários e capacitação acadêmica para a criação de uma Escola de Serviço Social brasileira (YASBECK, 1980, p. 35). Assim, conforme a mesma autora, foram indicadas duas sócias, Albertina Ferreira Ramos e Maria Kiehl, para irem à Europa realizar o curso de aprimoramento intelectual e prático na Escola Católica de Serviço Social de Bruxelas na Bélgica. Segundo Odila, o fato de essas serem descendentes de alemão favoreceu para que fossem contempladas por uma bolsa de estudo oferecida pela Des Disseaux⁸ (freiras de Santo Agostinho em SP).

A motivação para a mobilidade acadêmica, de acordo com Maria Kiehl, foi assim justificada

Pareceu-nos, entretanto, insuficiente o nosso preparo para garantir a boa organização de uma Escola de Serviço Social, pois se as escolas dessa natureza têm por principal finalidade sanar os inconvenientes da improvisação de dirigentes de obras sociais, é claro que a primeira condição de eficiência das escolas de Serviço Social é não serem elas próprias uma improvisação (YASBECK, 1980, p. 35).

A mobilidade de Albertina e Maria à Genebra possibilitou uma formação ampliada de três anos nas principais escolas do mundo em Serviço Social na época. A partir da Bélgica, as duas assistentes sociais estenderam seus estudos para Paris, Londres e Genebra. De volta ao Brasil, segundo Yasbek (1980, p. 36) o maior desafio das estudantes “foi adaptar os aspectos e métodos e processos europeus às necessidades, tradições e ao temperamento do povo brasileiro”.

Consoante a isso, a primeira presidente do CEAS, Odila Cintra Ferreira, também possuía uma formação social ligada a cursos realizados na Europa, na Escola Normal Social da França, (primeira escola francesa de Serviço social criada em 1911), cuja formação voltava-se prioritariamente ao meio operário, que há época da Revolução industrial, fervilhava na Europa e no Brasil.

Odila Cintra Ferreira foi uma das pioneiras do Serviço Social brasileiro. Em 1977 a entrevista importante à Maria Tereza Roy se tornou um registro para a contemplação da história do

⁷ Presidente: Odila Cintra Ferreira. Secretária: Eugênia da Gama Cerqueira. Tesoureira: Albertina Ambrus. Aux. da Presidência: Alice Meireles Reis. Aux. Da Secretária: Mary Quirino dos Santos. Aux. Da tesoureira: Nair de Oliveira Pirajá. Fonte Carmelita Yasbek.

Serviço Social brasileiro em um período em que as conexões, unilaterais, era um traslado ao país os saberes necessários para possibilitar a criação da primeira escola de Serviço Social em 1936.

Um dos aspectos que sobressai quando se olha para a internacionalização do Serviço social brasileiro, pela mobilidade das pioneiras é que elas faziam parte da elite brasileira que viajavam frequentemente à Europa. Odila relata que estudou quatro anos na Suíça, três anos em Fraiburgo e um ano em Genebra, retornou ao Brasil por um breve período, e retornou à França para cursar a Escola Normal Social em 1926. Segundo ela, “não tinha inclinação e nunca sentiu que fosse sua vocação atuar no Serviço social”, contudo, voltando ao Rio de Janeiro em 1928 cursou a escola Ana Neri em enfermagem no Rio de Janeiro, mas não se identificou com a área. Logo depois, de volta à Escola Social Normal de Paris cursou intensivo com duração de um mês, “que dava um apanhado geral, porque o similar era um curso (há quarenta e poucos anos atrás) de ensino muito moderno” ao final de um ano de curso da Escola Normal, Odila foi para o Instituto Superior de Estudos Sociais de nível superior, que ofertava as aulas/disciplinas teóricas de sociologia, economia, legislação do trabalho, dos movimentos sindicais, da atuação sindical, e as práticas, a autora relata seu entusiasmo nas suas intervenções junto aos sindicatos e o envolvimento com os problemas sociais

Eu obtive muitas informações sobre os problemas que a Liga Da Nações estudava, problemas trabalhistas principalmente, e depois fui a parte social onde tomei conhecimento de um grande inquérito sobre "tráfico de Brancas" que veio a saber mais tarde, no rio de Janeiro e Buenos Aires era um paraíso para o "tráfico de Brancas" no mundo (FERREIRA, 1977, p. 37).

Os traços de formação fortemente católicos adquiridos pelas intercambistas na Europa tornaram-se um braço que, e convenientemente, juntamente com as ideais da igreja católica, incorporou o conservadorismo católico que caracterizou os anos iniciais do Serviço Social brasileiro. Abstrai-se que “a vinda de professores estrangeiros e a adoção de um modelo configurado em um sistema tutorial – um catedrático e seus discípulos, os quais seriam os futuros quadros das universidades” (GARCIA, NOGUEIRA, 2017, p. 146).

É necessário considerar que, segundo Campanini e Ghiraldelli (2021, p. 67) “desde a sua gênese, o Serviço Social tem focado a atenção na dimensão internacional por meio do desenvolvimento e reconhecimento da profissão”. Os autores destacam que a Primeira Conferência Internacional de Serviço Social realizada em Paris, de 8 a 13 de julho de 1928, organizada pela Associação Internacional de Escolas de Serviço Social (IASSW), organizada pelo Dr. René Sand, depois de sua participação na Conferência Nacional de Serviço Social nos Estados Unidos, na cidade de Washington, aquele teve grande sucesso e tornou-se um evento

importante como esse processo de intercâmbio e diálogo foi realizado em todo o mundo. Para René, “para promover o desenvolvimento social, era necessário levar em conta as interconexões entre os diversos fatores econômicos, sociais e de saúde, baseada na formação e profissionalização das pessoas engajadas nos serviços sociais, bem como nos intercâmbios internacionais” (CAMPANINI, GHIRALDELLI, 2021, p. 67).

Afirmam os mesmos autores que, esta primeira conferência foi um marco na internacionalização dos profissionais e acadêmicos e um *locus* privilegiado das trocas de saberes e experiência nos diversos países em que o serviço social eclodiu. Em Paris, participaram representantes governamentais de 39 países, 2.421 pessoas de 42 Estados.

Durante a Conferência, foram estabelecidas as três organizações que representam internacionalmente o Serviço Social, assistentes sociais e o bem-estar social, no caso: a Associação Internacional de Escolas de Serviço Social (AIETS)⁹, anteriormente denominada de Comitê de Escolas de Serviço Social (International Committee of Schools for Social Work)¹⁰; o Conselho Internacional de Bem-Estar Social e a Federação Internacional de Trabalhadores Sociais (FITS)¹¹, anteriormente denominada de Secretaria Permanente Internacional de Assistentes Sociais (International Permanent Secretariat of Social Workers - IPSSW) (CAMPANINI, GHIRALDELLI, 2021, p. 67).

Conferências e eventos como os indicados acima tomaram expressivos espaços para a formação de redes colaborativas na ciência e na pesquisa em Serviço Social. São parte intrínseca da educação internacional ainda quando a mesma era identificada pela mobilidade entre universidades e nações. Enfatizam Schmitt e Pacheco (2022, p. 145) que “a evolução do conhecimento científico é a apropriação das descobertas anteriores, muitas vezes reelaboradas.

⁹ Em inglês denominada International Association of Schools of Social Work (IASSW) e em espanhol Asociación Internacional de Escuelas de Trabajo Social (AIETS). Nesse sentido, o presente texto adota ambas as siglas (IASSW/AIETS) para fazer referência à Associação.

¹⁰ International Council on Social Welfare (ICSW).

¹¹ Em inglês denominada International Federation of Social Workers (IFSW) e em espanhol Federación Internacional de Trabajadores Sociales (FITS). “A Federação Internacional de Trabalhadores Sociais – FITS foi criada em 1956 em Munique-Alemanha (a Segunda Guerra Mundial interrompeu a então organização criada em 1928 em Paris) como organização representativa de assistentes sociais no âmbito mundial, com natureza privada sem fins lucrativos, mantida pelas organizações nacionais que se filiam livremente e essa se autossustenta com a anuidade de seus membros. Naquele momento, 12 (doze) países a integraram: Alemanha, Austrália, Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Grécia, Itália, Países Baixos, Suíça, Reino Unido e Estados Unidos. Atualmente, a FITS está sediada em Berne, Suíça, e é integrada por organizações profissionais de Serviço Social de 129 países de cinco regiões continentais, representando mais de três milhões de assistentes sociais em todas as partes do mundo. [...]. O CFESS acompanha as Conferências Mundiais da FITS desde 1998 [...]” (LEMOS, MATOS e RAMOS, 2019, p. 113). É importante ressaltar que, atualmente, na gestão (2018-2022), a presidência da FITS encontra-se sob a gestão de Silvana Martínez, a primeira mulher latino-americana a ocupar esse posto. “Tal conquista não poderia sequer ser pensada fora da articulação regional, propiciada pelo Comitê Mercosul e COLACATS” (LEMOS, MATOS e RAMOS, 2019, p. 117 *apud* CAMPANINI; GHIRALDELLI, 2021, p. 94).

Nesse itinerário, “a ciência evoluiu enquanto foi esculpida por muitas mãos”, e nesses tempos longínquos, a mobilidade acadêmica foi essencial para a aproximação e difusão de saberes.

2.1.2 Início da mobilidade entre o Serviço Social brasileiro e estadunidense

Havia um problema para que de fato se fundasse a primeira escola de serviço social na PUC/SP, Tratava-se da falta de professores capacitados, surgiram as primeiras relações de intercâmbio entre o Serviço social brasileiros com os norte Americanos. Segundo Odila, o primeiro contato com outra filosofia de serviço social causou estranheza ao então serviço social de raízes europeias. A autora relata sobre esse primeiro contato, quando duas alunas da primeira turma do curso de serviço social do CEAS, Helena Junqueira e Nadir Gouvêa Kfourir, foram para os Estados Unidos.

a Helena quando voltou disse numa conferência o que fez por lá. Lá nos Estados Unidos as escolas não se preocupam com os problemas sociais. Formam as pessoas para um determinado tipo de trabalho em serviço social para um determinado tipo de entidade. Para menores, para isso, para aquilo, eram todos com divisões estanques (FERREIRA, 1977, p. 44).

A corrente positivista do serviço social norte americano chegou ao Brasil com influência sobre os profissionais e diversificou, com o tempo, os currículos das Escolas de Serviço Social na década de 40 e 50. Mesclando e depois substituindo a modelo neotomista de ações de cariz exclusivamente católica pelo pragmatismo dos estudos de caso, de grupos e de sociedade.

Conforme, Pereira (2019, p. 96) “o ingresso das ciências sociais norte-americanas combinado a um intercâmbio entre escolas de serviço social, rebateram não somente nos currículos e disciplinas, mas também em um movimento interno de tentativa de teorização” do serviço social” tendo como pioneiras a ativista de Jane Addams (1860-1935) quanto o método investigativo oferecido por Mary Richmond (1861-1928). Pereira (2019, p. 103) referindo-se ao intercâmbio de Balbina Ottoni Vieira, Nadir Kfourir, Helena Iracy Junqueira, e outras do país que foram aos Estados Unidos para aperfeiçoarem-se afirma que “tal construção histórica foi facilmente absorvida pelas intelectuais e profissionais brasileiras em função das trocas de saberes e intercâmbios com os EUA”.

Ainda sobre Nadir Kfourir, Wanderley e Raichelis (2011, p. 3) discorrem que partir de 1940 foi assistente social e professora na Escola de Serviço Social, então agregada à PUC-SP, da qual foi reitora por dois mandatos. Viajou aos Estados Unidos como bolsista de pós-graduação na *National Catholic School of Social Service*, em Washington. Fez apenas os créditos, pois precisaria de mais tempo para elaborar a tese, porém, em suas palavras, a

"Faculdade precisava de mim", e então voltou para assumir a vice-direção do curso de serviço social da PUC-SP em 1947 e a direção em 1951.

Não só as viagens contribuíram para as transformações no contexto do Serviço Social brasileiro. As obras literárias que foram incorporadas à formação inicial dos assistentes sociais brasileiros até 1951, para a formação dos técnicos e guia para o trabalho comunitário, segundo Ammann (1997) eram produzidas todas nos Estados Unidos, citando a obra "*Community Organization*" de Wayne Mac Mellen como um dos textos adotado pelas escolas de Serviço Social.

No desenrolar dos períodos seguintes, o golpe de 37 aproxima o Brasil dos Estados Unidos pela política de boa vizinhança com Roosevelt e a vinda do financiamento estadunidense à indústria brasileira burguesa incrementada pelo envio de missões técnicas ao Brasil, que tinha como propósito especial barrar os perigos da infiltração dos comunistas. Os enlances governamentais alinhavam aos objetivos esperados com trabalho dos assistentes sociais "absorver as classes operárias na estrutura do Estado" (YASBEK, 1980, p. 25).

Com o apoio do SESI no Brasil, aumentou o fluxo de intercâmbio com assistentes sociais americanas, e conseqüentemente o currículo da escola vai se alterando com a eliminação de disciplinas consideradas desnecessárias como "primeiros socorros, educação familiar, etc. e uma concentração maior nos estudos para a compreensão do homem e da vida social" desviando-se do modelo europeu de intensificar e aperfeiçoar o trabalho social católico.

Dentre os trânsitos internacionais, Yasbek (1980) destaca-se que a Escola participou da sessão de estudos na América Latina realizada em Roma no ano de 1939, no Congresso da Ligas Femininas Católicas, onde apresentou um trabalho sobre "a formação dos Assistentes sociais".

Em 1941 a representante da Escola Helena Junqueira foi convidada pelo governo dos EUA e participou, juntamente com as outras escolas da América, da Conferência Nacional de Serviço Social realizada pela Atlantic City pela American Association of Schools of Work. Como resultado desse encontro, destaca Yasbek (1980), 17 bolsas de estudo foram oferecidas às assistentes sociais sul-americanas, quatro assistentes sociais brasileiras matricularam-se em diferentes escolas norte-americanas, (três da escola de SP, e uma do Rio de Janeiro). A mesma autora afirma que logo as conseqüências começam a se fazer sentir na Escola de São Paulo e no serviço social brasileiro, dada admiração da intercambistas com o modelo americano [] "pois é admirável a capacidade a técnica da organização do norte-americano para organizar, dividir e economizar trabalho [] finalmente a arte de coordenar serviços, na qual os norte-americanos também são peritos, apresentou-se como algo digno de imitação", característica dos

métodos positivistas e conservador, que mais tarde, tornou-se insustentável e inadequado aos parâmetros de trabalho do serviço social brasileiro.

3. METODOLOGIA

Com base no objetivo de investigar a internacionalização na formação em Serviço Social através das bibliografias disponíveis, a pesquisa de natureza qualitativa se caracterizou pelo seu cunho exploratório (TRIVIÑOS, 2006). Tendo como ponto de partida a aproximação com autores como Yazbek (1980), Campanini e Ghiraldelli (2021), Garcia e Nogueira (2017), Silva (2015), De Wit (1998) e Stallivieri (2017). Assim, o estudo exploratório de bibliografias permitiu que se avançasse para a etapa descritiva da pesquisa. Nesta, conforme defende Gil (1999) caminhamos para a caracterização do processo de internacionalização do Serviço Social nos primeiros anos de sua gênese.

Os dados encontrados foram analisados pelo método de Análise Textual Discursiva (ATD).

As informações encontradas nas referências básicas foram analisadas de modo a se identificar os dados ali registrados, bem como a pertinência deles para atenderem aos objetivos traçados no estudo. Uma vez identificados e recortados, os dados foram alocados em planilhas Excel, um banco de dados. Assim, obteve-se um resgate do que se tem de essencial que possibilitaram uma leitura sobre a questão para além dos dados identificados.

Essa metodologia de análise de informação de natureza qualitativa visa produzir novas compreensões sobre textos e discursos” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 13) denominada de ATD. A pesquisa com análise ATD projeta dados inéditos extraídos dos sujeitos, estes servem de escopo aos olhares e as interpretações dos autores com vistas à formulação de conceitos, ou interpretações novas sobre os conceitos já ratificados, sobre o tema pesquisado. Em outras palavras, as análises dos dados propiciaram a formulação de novas abstrações e definições sobre o tema desta pesquisa. A ATD propõe um estudo adensado das falas potentes recebidas como dados de pesquisa, dos sujeitos, extraídos das referências básicas. A escolha pela ATD é assertiva porque não se pretendeu nesta pesquisa fazer análises numéricas, de uma perspectiva quantitativa, mas abstrair a frequência de ocorrência de determinados termos, construções e referências em um dado texto. A pesquisa aconteceu entre setembro e outubro de 2022.

4. CONCLUSÃO

Discorrer sobre a internacionalização do Serviço Social no Brasil inclui, necessariamente, conhecer a internacionalização da educação e dos processos relativos à gênese e transformação

do Serviço social brasileiro. A maioria dos autores aborda o processo de internacionalização da educação dando ênfase à mobilidade nacional ou internacional, e as mudanças por ela provocadas nos contextos educativos e profissionais. Com o serviço social não foi diferente.

Pessoas ligadas às correntes filosóficas apresentaram ao contexto brasileiro as bases do que, juntamente com os anseios da igreja católica, tornaram-se norteadoras de objetivos e ações desempenhadas pelas pioneiras do Serviço Social neste país. Inicialmente, com inserção da doutrina franco-belga e mais tarde com as projeções do método positivista americano.

É importante observar que “as pessoas” em mobilidade formaram as pontes e redes internacionais e contribuíram para a implantação das influências que marcaram a identidade do Serviço Social em determinados tempos. Assim como, implicitamente, debruçando-se no processo dessa expansão além-fronteiras, observa-se que os intercâmbios de saberes e novos conhecimentos alteraram e reinterpretaram a história deste Serviço Social.

Deve-se dar a devida proporção para a internacionalização como um processo em meio a determinações estruturais históricas e de motivações políticas. Assim, mesmo não sendo esse o primeiro foco desta pesquisa, devem ser também explicitadas. O que se deixa como desafio para uma próxima pesquisa sobre o tema em questão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Antonio G. **Serviço Social e Filosofia Das Origens a Araxá**. 5 ed. 1995, ed. Cortez.

AMMANN, S. B. (1997). **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

CAMPANINI, Annamaria. GHIRALDELLI, Reginaldo. **O protagonismo organizativo do serviço social no contexto internacional e brasileiro**. In. Política Social, Desigualdades e Mundialização no contexto da pandemia: uma perspectiva intercontinental. Org. Reginaldo Ghiraldelli, Silvia Cristina Yannoulas. 2021. Alexa. SP.

DE WIT, Hans. Rationales for internationalization of higher education. Millenium [s.l.] [s. n.], 1998. Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/805/1/Rationales%20for%20Internationalisation.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FERREIRA, Odila Cintra. Entrevista com D. Odila Cintra Ferreira a Maria Tereza Roy. 1977. Tese de Maria Carmelita Yazbek.

LEMOS, Esther Luiza De S. ELPÍDIO, Maria Helena. IAMAMOTO, Marilda Vilela. RAICHELIS, Raquel. **A Reconceituação do Serviço Social na América Latina e Pesquisa Acadêmica no CELATS. XVI ANPES. 2018.** Disponível em: file:///C:/Users/adria/Downloads/ekeys,+mesa_0938_0004+ok-1.pdf. Acesso em 03 out 2022.

MORAES, Roque. GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Revista Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006. Bauru nº 12 (1), Abr 2006, (DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132006000100009>)

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64.** 13. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro. GARCIA, Maria Lúcia Teixeira. Reflexões sobre a pós-graduação em Serviço Social no Brasil através do perfil dos docentes. **KATALYSIS v. 20 n. 2 (2017): Pós-graduação e Serviço Social.** <https://doi.org/10.1590/1982-1982-02592017v20n2p155>

PEREIRA, Mariana Figueiredo de Castro. A influência norte americana no serviço social: formação histórica e rebatimentos contemporâneos. **Revista Serviço Social em Debate**, v. 2, n. 1, 2019, p. 94-111.

SEBASTIÁN, Jesús. **Cooperación e internacionalización de las universidades.** Buenos Aires: Biblos, 2004. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-00132005000200014
Acesso em: 04 de out 2022.

SILVA, Tiago Iraton. **Quem define o Serviço Social no mundo.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social - Florianópolis, SC, 2015. 243 p.

STALLIVIERI, Luciane. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime**, Belo Horizonte, v. 26, n. 50, p. 15-36, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciência social: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2006.

WANDERLEY, Mariângela Belfiore. RAICHELIS, Raquel. Nadir Kfour, patrimônio do Serviço Social brasileiro e da PUC-SP. **Revista Serv. Soc. Soc.** (108) Dez 2011. <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000400012>